

A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX

INTRODUÇÃO

As visões holísticas do social deixam muitas vezes na penumbra os «sub-mundos» sociais, cujos aspectos nos parecem ser, não raras vezes, relevantes na compreensão das mais significativas transformações sociais. A análise sociológica a ensaiar sobre o fenómeno da prostituição na cidade de Lisboa, tomado o período compreendido entre o terceiro quartel do século XIX e meados do século XX — com maior incidência de 1890 a 1930 —, estará pois subordinada à problemática geral da mudança social. Esta foi significativa, como se procurará demonstrar.

Com efeito, no terceiro quartel do século XIX era nítida a convivência que alguns círculos aristocráticos desenvolviam tanto com as cocotes *finas* como com as prostitutas do *fado baixo*. Nas *esperas de touros*, ao som do *fadinho chorado*, lá víamos as cocotes *chiques* ao lado da Severa, da Júlia Gorda ou da Joaquina dos Cordões. As *esperas de touros* constituíam também motivo de franca confraternização entre os boémios das várias castas, desde o *faia* do Bairro Alto até ao mais requintado aristocrata. A integração era quase perfeita e as distinções superorgânicas ou culturais de «significados-normas-valores» apareciam socialmente minimizadas. Os próprios fidalgos trajavam à *fadista*: calças de boca de sino, cabelo em bandós, chapéu desabado e sapatos de saltos de prateleira. A situação modificou-se dos finais do século XIX para os inícios do século XX. Como explicar essa modificação?

Se, como alguns sociólogos nos pretendem fazer crer, a tradição normativa se reproduz através de sistemas de símbolos que cumprem na sociedade uma *função de latência (part-maintenance)*, não deixa de ter um certo cabimento a afirmação de Guy Rocher segundo a qual esses sistemas têm uma dupla configuração na medida em que coexistem na natureza das pessoas ou dos espaços sociais mais homogêneos e no universo simbólico das sociedades; isto é, são interiorizados ao nível individual ou de grupo e, simultaneamente, a um nível mais lato, institucionalizados socialmente. Enquanto a tradição interiorizada ao nível de um grupo social homogêneo se tende a reproduzir, a tradição socialmente institucionalizada tende a modificar-se e modifica-se por duas razões básicas. Em primeiro lugar, porque diz respeito

* Bolseiro do Instituto Nacional de Investigação Científica.

a processos interculturais onde a dinâmica é maior, dado o choque de culturas diversificadas; em segundo lugar, porque, a este nível, o *cultural* sofre mais vincadas influências do *político* e do *económico*. Ou seja, a Lisboa boémia é, do ponto de vista cultural, distinta da outra Lisboa; os seus padrões de conduta tendem a isolar-se da cultura dominante, através do que Peter Berger denomina uma *socialização secundária* específica. Esta forma de socialização é geralmente acompanhada por um tipo de linguagem particular. Uma análise de conteúdo à gíria fadista do Bairro Alto, Alfama e Mouraria seria ilustrativa da faceta rija e brigona de tais bairros. As próprias prostitutas adoptam frequentemente *nomes de guerra* no sentido de uma certa autoperpersonalização.

Contudo, se, ao nível cultural, as fronteiras que separam a Lisboa boémia da Lisboa de «ar mais sério» não são muito permeáveis, como explicar as mudanças sociais na vida boémia dos inícios do século XX, ao ponto de os padrões de comportamento das suas figuras mais típicas — fadistas, prostitutas, chulos e proxenetas — se alterarem? Aqui, os aspectos *económicos* que caracterizam e são expressão do desenvolvimento do capitalismo em Portugal, na alvorada do século XX, assumem-se como relevantes ao interferirem no *cultural*. Bastará para tanto analisar, como confirmação desta relevância, o tipo de transformações ocorridas.

Assim, e por inevitáveis exigências de mercado, surge uma maior concorrência entre as prostitutas, cuja consciência de profissionalização cresce progressivamente, ao mesmo tempo que entre elas se dá uma mais rígida estratificação, que será estudada com base em variáveis como: zonas habitacionais e de giro, padrões de comportamento, tipos de clientela e preços. Por outro lado, a composição social das prostitutas clarifica-se, ao mesmo tempo que as relações de nítida exploração capitalista desenvolvidas entre proxenetas e prostitutas se tornam óbvias: a correlação entre o aluguer dos corpos destas últimas com o aluguer das alcovas traduz-se numericamente na necessidade, para algumas prostitutas, de terem mais de sete relações sexuais diárias para fazerem face ao pagamento das rendas. Acresce que, ao mesmo tempo que o fado se aristocratiza, o *chulo*, que nos finais do século XIX era, para além de fadista, uma personagem dupla — «marido complacente» e «guarda-costas para ocasiões críticas» —, passa, nos inícios do século XX, a ganhar uma toska, mas frutuosa, consciência empresarial, metendo por dia ao bolso, pelo menos, meio litro e um maço de brejeiros. Por último, quanto às zonas de prostituição, os *aventais de madeira* (bordéis da clássica meia porta) passam a dar lugar aos bares, ao mesmo tempo que, com o aumento do tráfego e das vias de comunicação, as *nómadas* se tornam as passageiras certas e pontuais dos camionistas.

1. A LISBOA BOÉMIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

1.1 FADISTAS E BAIUCAS

O fado pode ser considerado como filho da prostituição e das baiucas. Daí que no bordel de meados do século XIX estivesse sempre presente uma guitarra. Segundo estudos publicados, em 1901, por Alberto Bessa sobre a *gíria portuguesa*, *fadinho* era a «canção e dança especial e predilecta de me-

retrizes, vadios, estróinas e *boémios*»¹ e, enquanto o *fado* tanto podia significar «prostituição na mulher» como «vadiagem no homem», *fadista* era a «mulher que se [entregava] à prostituição [ou o] homem brigão, vadio, desordeiro»².

*Correi a ver em cena as putas grulhas,
Do Bairro Alto a corja dos pandilhas,
Os fadistas pingões e bigorrilhas,
Que de noite incomodam as patrulhas*³.

O *fadista*, como a Lisboa de então o entendia — galanteador arrogante e valdevinos —, era temível até pelo nome: o *Facada*, o *Trinca*, o *Naifa*⁴. Aqui e além surgiam tentativas de regeneração da prosápia do fadista e avançavam-se com vagos «sentimentos de honra». Um conhecido fadista e poeta boémio dos finais do século XIX afirmava:

Os fadistas que se prezam tocam guitarra, mas não usam navalha!
Cantam o fado, mas não são rufiões⁵.

O certo é que a vivência boémia não dispensava as «corridas... apitos... balbúrdia... galegos a correr com macas para o [...] Hospital de S. José... cirurgiões a coserem as barrigas furadas pelas simpáticas navalhas de ponta e mola»⁶.

Muitos fados da época retratam fielmente o quotidiano habitual do fadista pimpão:

*Na tasca da putaria
Houve ontem grande bulha,
Veio de lá a patrulha,
Pra o Carmo levar me queria.*

*Um soldado olha para mim,
E me diz: «Marche prà frente,
Barulho não se consente,
Aqui não se quer chinfrim.»*

[...]

*Mas não me faz espantar,
Que tinha vinho nas tripas;
Preguei-lhe quatro chulipas
E depois toca a safar.*

[...]

¹ Alberto Bessa, *A Gíria Portuguesa*, Lisboa, 1901.

² Id., *ibid.*

³ *Cancioneiro do Bairro Alto*, Cádiz, 1876, p. 21.

⁴ Júlio César Machado, *Lisboa na Rua*, 1874, p. 172.

⁵ Avelino de Sousa, *Bairro Alto*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1944, p. 233.

⁶ Júlio de Sousa e Costa, *Severa*, Lisboa, Livraria Bertrand, s. d., pp. 50-51.

*Já livre da entalação,
Donde escapei por milagre,
Na tasca do Zé Vinagre
Fui tomar o meu pifão*⁷.

Na verdade, rara era a noite em que não ocorriam sérios confrontos entre as forças da ordem e a fadistagem. Ciúmes e disputas de mulher estariam, talvez, na origem destas intrigas. Com efeito, os morigerados guardas também tinham os seus *arranjinhos* e as suas *protegidas*. O certo é que as forças da ordem detestavam os fadistas, abominando as suas melenas e a boca de sino das calças, a que chamavam *abuzinações*. Na esquadra do Atalaia, o chefe Silva parece que exagerava: quando algum desgraçado que assim trajava lhe ia parar às mãos, descarovelmente, com uma tesoura, cortava-lhes as mechas de cabelo e, quanto às *abuzinações*, não tinham menor sorte: a desalmada tesoura ia-se às *bocas de sino* como faca à manteiga. As vinganças eram depois implacáveis. Neste caso concreto, quando o chefe Silva se reformou, a fadistagem «fez-lhe uma espera, de noite, e foi tal a carga de pancada que lhe aplicaram que o [desventurado...] dela morreu um mês depois!»⁸.

Enfim, se analisarmos a *gíria* fadista mais em voga no Bairro Alto, Alfama e Mouraria, verificamos que a maior parte dos termos é, de facto, ilustrativa da faceta rija e brigona de tais bairros. Tomemos uma pequena amostra:

Lambança, risca: alteração da ordem.

Estampas, narcejas, trolhas, trunfos, umas todas: bofetadas.

Rolantear: esfaquear.

Sarda: faca.

Chegada, meio-bordo, picada, risco: facada.

Arrefecer, esfriar, espichar, marar, vindimar, virar: matar.

Muda, navalha: navalha.

Arroz: pancada.

Verdoso: sangue.

Meter a mão aos arames: tirar a navalha do bolso⁹.

1.2 FADISTAS E ARISTOCRATAS

Personagens aristocráticos ou de condição mediana, oficiais do Exército e até burgueses pacatários quiseram abraçar o fado na segunda metade do século XIX:

O luxo da época era fazer uma *digressão guerreira* à Mouraria, Bairro Alto e Alfama¹⁰.

No giro das meretrizes e no seu facio alvaiade e carmim convergiam olhares atentos de toureiros, birbantes, cocheiros e faias. Às desigualdades sociais e culturais não correspondiam desiguais distribuições no espaço boémio. No mesmo círculo predominava uma convivência espontânea, não estratificada:

⁷ *Cancioneiro* [...], pp. 81-83.

⁸ «Rigorosamente histórico», segundo A. ue Sousa, *Bairro Alto* [...], p. 120.

⁹ A. Bessa, *A Gíria* [...].

¹⁰ J. de S. e Costa, *Severa* [...], p. 142.

Fidalgos roçando por costureiras; um ministro a par e passo de um gatuno; um poeta ao lado de um barbeiro; uma virgem estudando uma prostituta ¹¹.

Fadistas, rascoas, poetas, actores e jornalistas — pois toda ou quase toda a imprensa de Lisboa habitava no Bairro Alto ¹² —, «todos se davam as mãos irmãmente na vida de boémia, nas noites de fados e guitarradas nas tabernas do sítio» ¹³:

*A fadistagem de então,
Entre navalhas e vinho,
Junto às amantes fiéis,
Cantava, com devoção,
O fado bem choradinho
Nas tabernas e bordéis* ¹⁴

Nas tabernas

As tabernas, ponto de encontro de todos estes boémios, tinham, naturalmente, uma frequência socialmente diversificada. Todos lá iam *depenar a perna* ¹⁵. Desde moços de fretes, carrejões e malteses de cacete — jaleco ao ombro e barrete derrubado —, até à mais fina flor da aristocracia. Esta, ou amava em São Carlos ou no bordel. Os mais ousados preferiam o bordel ou a taberna, independentemente das indignações e de certos preconceitos de família:

[O fidalgo] — O meu filho, vem cá jantar?

[O taberneiro] — [...] Pois porque não há-de vir? [...]

[O fidalgo] — Então os boleiros já não vêm às tabernas?

[O taberneiro] — Decerto que vêm. Os senhores janotas até por via de regra vêm de sege.

[O fidalgo] — E os boleiros jantam com eles?

[O taberneiro] — Jantam noutra mesa, e às vezes na mesma. Não havia de ser assim, por via de quê?! ¹⁶

As dolências de uma guitarra à boca de uma taberna tinham, pois, uma plateia variada. Até altas horas havia descantes, fado batido, gritaria infernal. Taberna tranquila, sem murros, sem gritos, sem facadas, era «fraca taberna». Dizia Júlio Machado: «A taberna pede desordem e o povo pede taberna.» ¹⁷ E com o povo andava a aristocracia boémia:

A jeunesse dorée do romantismo não desdenhava, procura mesmo, entre o tumulto dos boleiros de S. Paulo e dos faias de Alfama, a patus-

¹¹ Abel Botelho, *O Barão de Lavos*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», p. 170.

¹² O *Diário de Notícias*, *O Século*, *A Tarde*, o *Diário Ilustrado*, *A Época*, *A Folha do Povo*, *A Vanguarda*, *O Rebate*, *O Imparcial*, *A Luta*, *A Situação*, *O Mundo*, o *Diário da Manhã*, a *República*, etc.

¹³ A. de Sousa, *Bairro Alto*, cit., pp. 59-60.

¹⁴ Júlio Guimarães, *Os Amores da Severa e do Conde de Vimioso*, p. 8.

¹⁵ «Provar o vinho em todas as adegas», cf. Mário de Almeida, *Lisboa do Romantismo*, Lisboa, Rodrigues & C.^a — Livrinhos Editores, 1917, p. 227.

¹⁶ J. C. Machado, *Lisboa na Rua*, cit., p. 46.

¹⁷ *Id.*, *ibid.*

cada nocturna, quer nas tabernas dos altos da Graça, quer nas hortas suburbanas de que a cidade foi sempre povoada¹⁸.

Nas esperas de touros

Vemos, pois, que certos círculos aristocráticos mantinham uma convivência aberta com as prostitutas do *fado baixo*. Estas, por sua vez, mantinham uma relativa convivência com as *cocotes finas*. Nas *esperas de touros*, a cavalo ou de trem, ao som do fadinho chorado, lá víamos as *cocotes chiques* ao lado da Severa, da Júlia Gorda ou da Joaquina dos Cordões. A diferença entre elas reflectia-se apenas, como dizia Fernando Schwalbach, na utilização ou não do «leito de ferro» ou da «cama de embutidos»¹⁹.

Por outro lado, as *esperas de touros* constituíam motivo de franca confraternização entre os boémios das várias castas, desde o faia²⁰ do Bairro Alto até ao mais requintado aristocrata:

Pescadores de baixa e alta esfera, fadistagem e estróinas, não faltavam [...] [a estas] extravagâncias e loucuras²¹.

Os «doidos marialvas», integrados em grupos de desordeiros e beberões, fadistas e vagabundos, por todas as locandas, desde o Arco do Cego até Loures, eram acompanhados pelas amantes e outras mulheres «de vida fácil». Alojavam-se, nomeadamente, nas locandas vizinhas do Campo Pequeno até altas horas da madrugada, à espera da largada de touros. Os próprios fidalgos trajavam à *fadista*. A integração era perfeita e as distinções sociais minimizadas:

Aqui, um fadista de calça à boca de sino, cinta, jaqueta e chapéu desabado, tocando [...] fados ou *corridinho*; ali, um filho pródigo que andava dissipando a herança paterna; acolá, um fidalgo pândego, amador da *paródia das esperas*, trajando igual ao fadista, com esporas nos sapatos de saltos de prateleira [...] ²²

Depois de alguns versos de *pé quebrado* começava a *rusga*:

Levantavam-se uns tantos e, em posição curvada, andavam de roda, ao compasso da guitarra, batendo com os pés no chão, dando *chulipas* nas traseiras uns dos outros²³.

Depois do levantar do gado abancavam todos para uma *chazada*²⁴ em qualquer horta, «as sedas e os buréis de mistura com as jalecas e cintas»²⁵.

¹⁸ M. de Almeida, *Lisboa [...]*, p. 225.

¹⁹ Fernando Schwalbach, *O Vício em Lisboa*, 1912, pp. 9-10.

²⁰ O mesmo que *fadista* (cf. A. Bessa, *A Gíria [...]*).

²¹ Francisco Cântio, *Coisas e Loisas de Lisboa Antiga*, Lisboa, 1951, pp. 50-53.

²² *O Boémio* de 5 de Fevereiro de 1910.

²³ *Ibid.*, de 12 de Fevereiro de 1910.

²⁴ «Pândega nas hortas» (cf. A. Bessa, *A Gíria [...]*).

²⁵ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, pp. 9-10.

1.3 DO MARIALVISMO FADISTA À ARISTOCRATIZAÇÃO DO FADO

No terceiro quartel do século XIX não havia uma estratificação rígida entre as «mulheres do fado», no sentido de servirem clientelas socialmente distintas. A *Joaquina dos Cordões*, que de «tantos» que tinha lhe veio o nome, e outras como ela estavam sempre à «disposição», indiscriminadamente, de quem lhes pagava ou lhes dava amor. Um poeta anónimo de meados do século XIX não perdeu, aliás, a oportunidade de guindar a Joaquina dos Cordões a uma espécie de heroína nacional:

*Sempre, sempre de seu rosto
A frescura conservou,
Putá sempre de bom gosto,
Não fugiu de quem pagou:
Em Lisboa fez furores,
Teve dúzias de amadores...
[...]*

*Té dos nobres visitada,
Enriqueceu menos mal.
Entre as putas portuguesas,
Espanholas e francesas,
É certeza das certezas
Que não houve puta igual.
[...]*

*Dedica-lhe esses teus cantos,
Ó vate, por gratidão
[...]
Entoem-se os doces hinos
A quem, por lei dos destinos,
Endireitou os pepinos
Da portuguesa nação!
[...]*

*Ali entrou o pissalho
Já do povo, já do rei
[...]
Era uma puta de fama!
Mente quem coiro lhe chama;
Não era puta d'Alfama,
Era uma puta de lei²⁶.*

Poder-se-á, enfim, especular se as «mulheres do fado» não tinham *amantes predilectos*. Parece que sim, mas todos eles, fossem marujos, cocheiros ou marialvas, tinham uma particularidade comum: eram amantes do fado. Dentro dos limites do possível, elas sabiam respeitá-los, não os atraíndo com outro qualquer. Separavam «o seu comércio dos seus amores»²⁷. Não sustentavam relações amorosas duplas, até porque eram perigo-

²⁶ *Cancioneiro [...]*.

²⁷ A. Sousa, *Bairro Alto*, cit., p. 138.

sas. A Severa, por exemplo, logo que caiu nos braços do conde de Vimioso, abandonou o Chico do Alegrete. O Chico ainda pensou tirar desforras do conde, mas desistiu da ideia. Havia uma concorrência límpida (em termos económicos dir-se-ia *perfeita*) entre os rufiões de raiz e os marialvas rufias. O mesmo não se pode dizer quanto aos *mangas de alpaca*. Talvez porque estivessem excluídos das hostes fadistas. Uma vez, quando um jovem caixeiro tipográfico se aproximou de Marta, grande amiga de Severa, só muito milagrosamente se salvou de uma espera da «ilustre fadistagem local»²⁸. Mesmo com os aristocratas marialvas surgiam, por vezes, remoques. Quando o conde de Vimioso, depois de deixar a Severa, pretendeu «atacar» a Marta, esta retorquiu-lhe: «Ao largo, amigo! Dez condes não fazem um fadista!»²⁹ Mas neste caso não seria tanto a rejeição do conde, mas a amizade por Severa, que a levaria a tal afirmação. Na verdade, os amores dos marialvas pelas baixas cortesãs eram geralmente bem aceites e banais. Se o Vimioso e a Severa ou se o conde de Anadia e a Cesária fizeram época, não foi por serem casos únicos.

Mas os tempos mudam e o fado aristocratiza-se, aperalta-se, deixando de ser apenas cantado nas baiucas, vielas e hospedarias — o que, segundo Tinop³⁰, aconteceu a partir de 1868 ou 1869. Terá sido *Calcinhas* o primeiro representante do «canto fino do fado». *Calcinhas* participava em várias sessões que o marquês de Castelo Melhor organizava no seu palácio. Em 1873 realizava-se no Casino Lisbonense o primeiro concerto público de guitarra e as «damas de alta extracção» entusiasmavam-se com o «fadinho»³¹. Chegou mesmo a dizer-se que o fado tinha dois partidos: «um, que [pretendia] cantá-lo só nos palcos e nas salas, outro que [pretendia] exhibi-lo em toda a parte, incluindo a taberna»³².

Com o virar do século, estas mudanças acentuam-se. Nas revistas, por exemplo, passa a ser sempre obrigatório o fado cantado por uma rameira da viela, com a chinela pespontada bailando na ponta do pé, gíngando amavios, pigarreando plangências nas cordas da doce lira. Ao mesmo tempo que o fado se aristocratiza, a vida boémia da capital transforma-se. Para além do fadista, figuras típicas da boémia, como a proxeneta, o chulo e a prostituta, ganham novos hábitos, desenvolvem novas práticas. Como diria F. Schwalbach, aqueles tempos em que as bacanais duravam dias e noites seguidas, «onde o amor se afogava e ressuscitava com as ondas de champanhe» e o som dos beijos «se confundia com o sacar das rolhas»³³, vão dar lugar a outros tempos. De algumas dessas transformações procuraremos dar conta seguidamente.

2. COSTUMES E MUDANÇA

Muito embora esta parte da comunicação esteja designadamente orientada no sentido de se detectarem mudanças — e elas ocorrem com significados precisos —, temos de reconhecer que muitas características da vida boémia

²⁸ J. de S. e Costa, *Severa*, cit., pp. 105-107.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 144.

³⁰ Pinto de Carvalho (Tinop), *História do Fado*, Lisboa, 1903, p. 79.

³¹ Cf. António Osório, *A Mitologia Fadista*, «Colecção Horizonte», 25, Lisboa, 1974, p. 51.

³² Avelino de Sousa, *O Fado* de 20 de Maio de 1923.

³³ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, p. 8.

permanecem constantes ao longo de todo o período estudado, o que até nem surpreende se considerarmos que estamos num espaço social relativamente fechado. Questão a privilegiar é detectar o grau de impermeabilidade deste espaço relativamente ao que o circunda. Verificar, ainda, se as transformações nele ocorridas acompanham as transformações gerais da sociedade e em que sentido. Por exemplo, verificar se há algum efeito de arrastamento, ou seja, se as mudanças registadas no restrito espaço social considerado são, de alguma forma, efeito de mudanças de maior envergadura ocorridas na sociedade.

2.1 PROXENETAS E CHULOS

A proxeneta do século XIX é uma personagem socialmente distinta da dos inícios do século XX. Em primeiro lugar, e muito embora as relações de exploração entre proxenetas e prostitutas sejam também evidentes no século XIX, havia uma relação muito mais familiar entre elas, a ponto de, correntemente, as segundas tratarem as primeiras por *tias*. Em segundo lugar, e esta observação dirige-se às proxenetas de mais baixa condição social, a fisionomia dos seus trajes era facilmente reconhecível: «de capote e lenço, com uma alcofa e o baralho das cartas na mão.»³⁴ Em terceiro lugar, a velha alcoviteira do século XIX acumulava um maior número de funções: ela era, simultaneamente, a «mulher que [entregava] mulheres e [dava] casa de alcouce»³⁵.

Com efeito, e muito embora as *donas de casa* dos meados do século XIX se servissem das chamadas *inculcadeiras* ou *engatadeiras*, elas próprias desempenhavam, normalmente, a função de *recrutamento*, e por isso se designavam também como *alcoviteiras*. Com o virar do século surgem as engatadeiras a tempo integral, passando a actuar como verdadeiros agentes de tráfico conhecedores dos mais arditos segredos de *marketing*. Nas chegadas dos comboios à capital ou na província, para melhor poderem actuar, até se apresentam, sofisticadamente, trajadas de irmãs da caridade ou com uniformes de enfermeira³⁶. As pequenas que andam na venda de peixe e de fruta são feitas propostas com mobilizadores atractivos pecuniários³⁷. E até a qualidade do *produto* não é descurada:

São quase sempre escolhidas as que têm seios redondos, nádegas amplas, boas cores, alvos dentes e *tutti quanti* é essencial para agradar ao mais exigente³⁸.

Quanto aos circuitos de divulgação do produto, passam a ser também dos mais sofisticados: nas ruas da Baixa enviam-se «bilhetes de convite» oferecendo a «prática de bons serviços», como quem divulga um memorando ou reclame dum estabelecimento que vulgarmente anuncia um género³⁹. A verdade sobre a vida íntima da capital aparece reflectida nas páginas de anúncios do *Diário de Notícias*⁴⁰.

³⁴ A. de Sousa, *Bairro Alto*, cit., p. 209.

³⁵ Santos Cruz, *Da Prostituição na Cidade de Lisboa*, 1944, p. 209.

³⁶ *Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, n.º 6, ano I, Maio de 1916, p. 66.

³⁷ *A Vanguarda* de 23 de Outubro de 1908.

³⁸ Manuel Pedro de Abreu, ... *Da Tragédia Social*, Lisboa, 1919, pp. 15-16.

³⁹ *A Vanguarda* de 23 de Outubro de 1908.

⁴⁰ Cf. também Júlio Guimarães, *Fados para Rir...*, «Colecção Economia», 46, p. 11.

Outra das figuras da boémia que se transmuta é a do *chulo*. Nos meados do século XIX, o chulo era uma personagem diferente e dupla: era um «marido complacente» e guarda-costas para «ocasiões críticas». Só quando ia para o *verde limo* (prisão) é que elas lhe abonavam algum dinheiro e tabaco. Regra geral, eram marujos ou cocheiros, uns e outros mestres na arte de cantar o fado. Com o evoluir dos tempos, gatunos e faquistas passam a ser os seus «mais-que-tudo». Com efeito, às odaliscas dos bordéis dos inícios do século XX pouco lhes importava que o amante cantasse o fado. O preferido e disputado, muitas vezes à «ponta de chinela», era aquele que maiores me-lanas tinha, que maior número de prisões contava e que melhor sabia dar *picada* ou *marear* um *gajo* desta para melhor, como elas se exprimiam na sua gíria característica ⁴¹.

De companheiros para as ocasiões críticas, os chulos passam a intencionados exploradores. Em meados do século XIX chegavam a contribuir com uma quota para elas, das quais nada recebiam senão os conhecidos «favores». Acompanhavam-nas de dia nos passeios e à noite nas vadiagens pela cidade. Assumiam-se, fundamentalmente, como protectores. Referia Santos Cruz:

[...] tem-se visto repetidas vezes duas mulheres saírem do bairro de Alfama para a Rua da Alfândega e Terreiro do Paço [...] levando cada uma delas o seu protector, que de alguma distância as seguiam e guardavam e sendo uma delas certa noite muito insultada por um homem dos que as costumam procurar, custou-lhe uma facada tal insulto, evadindo-se tanto ela como o seu protector às diligências da polícia ⁴².

Com o virar do século, quase todos estes rufiões passam a viver «à custa destas desgraçadas, chegando a espancá-las quando não lhes dão dinheiro» ⁴³. Em 1912, F. Schwalbach sintetiza da seguinte forma a relação entre o chulo e a prostituta:

O chulo anda sempre a rondar-lhe a porta e não raro é ver-se [...] passar-lhe para a mão uns cobres que lhe são agradecidos com uma palmada na cara que as deixa radiantes para o resto da noite ⁴⁴.

2.2 PROSTITUTAS: ORIGEM SOCIAL

Um aspecto que permanece relativamente constante diz respeito à origem social do grosso das prostitutas. Uma simples observação do quadro n.º 1 permite-nos concluir que, pelo menos até aos finais do século XIX, as criadas e as costureiras são um verdadeiro «exército de reserva» de prostitutas.

Esta situação não se altera com o virar do século. Em 1908, de uma amostra de prostitutas observadas por Tovar de Lemos ⁴⁵, cerca de 80% haviam sido criadas de servir, domésticas ou costureiras. Em 1926, Azevedo

⁴¹ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, p. 43.

⁴² S. Cruz, *Da Prostituição [...]*, pp. 113-114.

⁴³ A. B. Gomes, *História [...]*, pp. 88-90.

⁴⁴ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, pp. 46-47.

⁴⁵ A. T. de Lemos, *A Prostituição...*, p. 28.

Profissões anteriores das prostitutas matriculadas, no concelho de Lisboa, de 1862 a 1901

[QUADRO N.º 1]

Quinquênios	Profissões (percentagem)						
	Criadas	Costureiras	Operárias fabris	Operárias agrícolas	Outras profissões	Sem profissão	Com exercício de prostituição
1862-66	42,6	11,9	—	—	45,1	—	—
1867-71	41,3	16,2	1	1,6	21,1	18,7	—
1872-76	20,8	13	1,5	2	21,7	30,7	10,2
1877-81	22,8	9,4	2,2	1,9	7,4	36	20
1882-86	26,3	17,4	2,4	1,7	8,1	20,4	23,4
1887-91	32,6	26,5	3,1	0,9	6,3	25,1	5,4
1892-96	42,3	22	2,2	1,7	8,3	15,6	5,3
1897-1901	44,4	16,9	3,5	0,2	3,6	22,2	4,8

Fonte: Ângelo Rodrigues, *Da Prostituição em Portugal*, Porto, 1902, pp. 342-363.

Neves ⁴⁶ adiantava os seguintes resultados: das 924 prostitutas registadas em Lisboa, 479, ou seja, mais de 50%, tinham sido costureiras e modistas (105), domésticas (188) ou serviçais (186). Em 1933, Tovar de Lemos ⁴⁷ observava que, de nova amostra de prostitutas estudadas, mais de 70% tinham sido criadas (54,6%) ou domésticas (15,6%).

As explicações adiantadas sobre estes dados e, de uma forma geral, sobre a prostituição nunca foram muito convincentes. Havia a tendência para explicar um fenómeno que é *social* por causas *não sociais*: morais, legislativas, psicológicas, místicas, biológicas, etc. Para F. Schwalbach, por exemplo, eram causas psicológicas (psicose da ascensão social) que explicavam a prostituição das «costureirinhas»: os magros proventos da agulha não as deixavam ir longe e, portanto, «o que não dá a agulha compra o corpo» ⁴⁸. Quanto às «criadinhas», eram movidas por um irreverente e incontrolável espírito *juanista*, de conquista fácil:

É vê-las aí pelo romper das 8 da manhã, atravessarem o Rossio, [...] cabaz no braço, saia arregaçada, a caminho da praça, rindo a uma ou outra graça pesada que lhes é dirigida ⁴⁹.

Tovar de Lemos, um dos autores mais interessados no estudo da prostituição, se, por um lado, fazia vagas alusões à «promiscuidade» nas oficinas e *ateliers* e às «rápidas mudanças de meio», era, por outro lado, peremptório: «As filhas das classes pobres, em geral, nascem taradas.» ⁵⁰ E deleitava-se com provas antropométricas, compassos, calibres, goniómetros, etc., para chegar à conclusão de que cerca de 80% das prostitutas observadas tinham estigmas de degenerescência, 90% possuíam cabelos pretos ou castanhos, 80,8% tinham olhos de igual cor e de que toda elas eram, naturalmente, «magras» e «abatidas» ⁵¹.

⁴⁶ Azevedo Neves, *As Matriculadas Existentes em Portugal*, separata do n.º 4 do vol. II (1923-25) do *Arquivo de Medicina Legal*.

⁴⁷ A. T. de Lemos, *O Serviço de Inspeção de Toleradas em 1933*, Lisboa, 1934, pp. 18-20.

⁴⁸ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, p. 12.

⁴⁹ Id., *ibid.*, pp. 14-15.

⁵⁰ A. T. de Lemos, *A Prostituição [...]*, p. 28.

⁵¹ Id., *ibid.*

Desenvolve-se também a teoria de que a prostituição é uma consequência da criminalidade, da decadência moral, da vadiagem. *O Comércio do Porto*, em 1893, por exemplo, protestava contra três ou quatro vadias que defronte das janelas dos Paços do Concelho, na paróquia de São Julião, jogavam as cinco pedrinhas, com grande gáudio dos transeuntes:

Visto, pois, que a Polícia não quer absolutamente importar-se com semelhante indecência, para lhe pôr termo, como deve, pedimos hoje à Mesa da benemérita Irmandade do Santíssimo daquela freguesia que não consinta tão indecoroso proceder em seus domínios e que dê as mais terminantes ordens aos seus empregados menores, para que enxotem dali o repugnante espectáculo ⁵².

As campanhas de certa imprensa determinam um aumento da repressão policial. Fialho de Almeida, em finais do século XIX, regozijava-se:

A Polícia tem andado a remover das ruas concorridas todas as casas de amor onde não tem provavelmente *huri* marcada. Foram já mandadas sair da Rua do Arsenal todas as pegas do vício que ali chamavam os transeuntes; mandadas fechar as capoeiras da Rua Augusta e da Rua da Prata ⁵³.

Alguns contestatários mais exaltados — que não isentam de violentas críticas os *pivinhas* (*maduros* à caça de *frangainhas*) — chegam mesmo a reclamar a pena máxima do rei visigodo Recaredo: 300 açoites e trabalhos forçados! Com João Franco, centenas de mulheres são matriculadas à força, algumas das quais se reconhece depois serem virgens. Vozes de protesto começam então a surgir. *A Vanguarda*, por exemplo, jornal da oposição ⁵⁴, dirige uma violenta campanha contra o Governo com o objectivo explícito de desmascarar a «desmoralizante» caça às *borboletas* movida pela Polícia Sanitária. Implicitamente, é claro que a campanha tinha objectivos políticos. No roubo das «grinaldas de virgens», *A Vanguarda* implicava, para além da «quadrilha policial», os padres, que correntemente designava como «abutres de sotaina e coroa» ⁵⁵. Ora nem sempre a repressão da Sanitária se exercia uniformemente sobre as prostitutas. Enquanto algumas eram presas três e mais vezes ao dia, mesmo que viessem da missa ⁵⁶, várias eram as casas «a cuja indústria ilícita a Polícia, como tinha as suas gostosas compensações, fechava interessadamente os olhos» ⁵⁷. Todavia, se alguma costureira ousasse «fintar» um polícia, era certo e sabido que acabava «matriculada» ⁵⁸. Mesmo assim, alguns autores não viam esta relação de compadramento entre o elemento policial e o elemento prostituível. Aludiam preferencialmente a relações místicas determinadas por factores estéticos. Rodrigues Veloso, por exemplo, referia-se, em tom suspiroso, aos amores de sopeira da seguinte forma:

⁵² *Comércio de Portugal* de 20 de Agosto de 1893.

⁵³ Fialho de Almeida, *Os Gatos*, vol. II, p. 259.

⁵⁴ Assumia-se como «Republicano Independente».

⁵⁵ *A Vanguarda*, nomeadamente números de Outubro de 1908.

⁵⁶ *Ibid.*, de 1 de Novembro de 1908.

⁵⁷ Abel Botelho, *Patologia Social II, O Livro de Alda*, 4.^a ed., Porto, 1927, p. 264.

⁵⁸ *A Vanguarda* de 2 de Outubro de 1908.

Os amores em que se deixa facilmente ir, como a folha seca ao cimo e correr das águas, por qualquer municipal ou polícia de fartos e cuidados bigodes ⁵⁹.

Sousa Basto, mais resignado, limitava-se a verificar:

Como mulheres, as amas-de-leite e as criadas de servir têm sempre dado a vida pela farda. Foram os municipais os seus primeiros amores. Se iam passear os filhos da casa, levavam sempre *guarda de honra*. Se saíam sós [...] imediatamente lhes surgia um municipal para as acompanhar [...]. Se a patroa [...] desconfiava de que a *sopeira* metera alguém em casa, ia passar revista ao armário da cozinha ou debaixo da cama e lá encontrava infalivelmente um *municipal* ⁶⁰.

2.3 PROSTITUTAS: ESBOÇO DE UMA ESTRATIFICAÇÃO

Uma das teses desta comunicação aponta para o surgimento de uma estratificação mais rígida entre as prostitutas com o virar do século. Esta

A estratificação das prostitutas nos finais do século XIX

[QUADRO N.º 2]

Classes	Variáveis				
	Área habitacional	Zona de giro	Usos e padrões de comportamento	Preços	Clientela
1.ª	Habitam, em geral, os 1.ºs andares. Outras vezes, as casas toleradas onde vivem em comum ocupam todo um prédio. Preferem as ruas da Baixa e do Chiado. Algumas casas não têm sinal exterior que as distinga e outras estão oficialmente registadas como casas de passe.	Frequentam os passeios e os teatros, onde se tornam conhecidas.	Luxo no trajar e em suas casas. Não provocam, em geral, escândalos.	De 1000 a 2250 réis.	Classes abastadas da sociedade.
2.ª	Vivem geralmente em comum em ruas da Baixa, Rua Nova do Almada, algumas ruas do Bairro Alto, imediações do Chiado e Rua de São Paulo. Quase todas as casas toleradas estão em 1.ºs andares, com tabuinhas nas janelas. Em alguns prédios existem até 3 casas de toleradas, com serventia pela mesma escada.; outras vezes são estas casas fronteiras uma à outra em ruas não muito largas ou em prédios contíguos. As meretrizes isoladas habitam quase todas em quartos alugados.	Área habitacional.	Vivem com menor luxo. Provocam os homens com gestos e palavras, nas ruas e das janelas das casas que habitam.	De 240 a 1000 réis.	Classes médias e pequena burguesia.
3.ª	Aglomeram-se, nomeadamente, no Bairro Alto, Mouraria e Esperança. A Rua dos Vinagres, a Rua dos Canos e o Beco da Ricardina têm grande concorrência. Quase todas vivem isoladas em lojas, casas térreas, muitas vezes sem ar nem luz, com uma só habitação, que pagam a 300 réis diários e mais.	Provocam à porta de casa, geralmente guarnecida de uma meia porta de madeira, ou nas baiucas das vizinhanças.	Pobres no trajar. Provocantes e desordeiras. Cultivam uma gíria específica e são muito superstitiosas.	De 40 a 240 réis.	Classes mais pobres: operários, soldados e marinheiros.

Fonte: quadro compilado a partir, fundamentalmente, de dados de Armando Gião, *Contribuição para o Estudo da Prostituição em Lisboa*, Lisboa, 1891, pp. 20-27.

⁵⁹ R. Veloso, *Aspectos de Lisboa*, p. 134.

⁶⁰ Sousa Basto, *Lisboa Velha*, Lisboa, 1947, p. 206.

estratificação passará a ser estudada com base nas seguintes variáveis: *área habitacional, zona de giro, usos e padrões de comportamento, preços e clientela*. Para melhor acompanhamento, considere-se o quadro n.º 2, que, reportado a finais do século XIX, será tomado ainda como referencial ou termo de comparação relativamente ao que se passou antes e depois desta data.

Área habitacional

Pode dizer-se que esta é uma das variáveis que, desde os tempos mais remotos, mais constância revelou na estratificação das prostitutas. Já em meados do século XIX, Santos Cruz, num dos estudos pioneiros sobre a prostituição na cidade de Lisboa⁶¹, admitia uma certa estratificação entre as prostitutas, considerando-as, genericamente, em três categorias ou ordens, consoante as zonas que habitavam. Contudo, essa estratificação não era ainda muito rígida e em várias zonas de Lisboa, como no Bairro Alto, misturavam-se prostitutas de ordens diferentes. Nestes casos havia, mesmo assim, critérios de diferenciação que haveriam de perdurar: enquanto as de 1.ª e 2.ª ordens habitavam os 1.ºs andares das casas, preferindo as que tivessem janelas sacadas, as de 3.ª quedavam-se pelas lojas imundas dos bairros típicos.

Com o virar do século acentua-se a tendência para as prostitutas residirem, segundo a sua categoria, em áreas ainda mais delimitadas. De qualquer forma, e por força da tradição, as tabuinhas suspeitas nas sacadas continuam a persistir⁶² e a diferenciar as prostitutas de 1.ª e 2.ª categorias das de 3.ª

Poderíamos agora diferenciar as *casas de passe* e as *hospedarias dos bordéis*. De uma forma geral, enquanto as *casas de passe* eram escolhidas pelas *costureirinhas*, as *hospedarias* eram preferidas para os *amores sopeirais*. Mas havia outros traços distintivos. As *hospedarias* eram bem mais desconfortáveis que as *casas de passe*. Segundo Fernando Schwalbach⁶³, nas *hospedarias* apareciam lanternas penduradas às janelas a indicarem que ali se amava a «seis vinténs» por par. Os degraus das negras escadas eram carunchosos e as portas, geralmente, estavam encostadas. Ao empurrarem-se, soava uma campainha barulhenta, aparecendo, então, uma velha desgrehada empunhando numa das mãos uma palmatória de folha com uma vela e na outra um pano dobrado em quatro. Nas *casas de passe*, o mobiliário era muito melhor e, em vez da *velha*, aparecia uma criada ou a própria dona da casa. Por sua vez, os *bordéis* tinham um aspecto ainda mais miserável que as *hospedarias* e eram frequentados, geralmente, por raparigas vindas do campo que haviam migrado para a cidade na esperança de melhores dias. Daí que pelas paredes dos seus quartos aparecessem diversas oleografias representando vistas de campo. As mais acitadinadas usavam também retratos de toureiros predilectos, quase sempre encimados por pares de bandarilhas tra-

⁶¹ F. I. Santos Cruz, *A Prostituição na Cidade de Lisboa*, Lisboa, 1841.

⁶² «O primeiro andar, com as tabuinhas verdes sanefando em toldo para fora de duas sacadas, e umas toalhinhas brancas, postas [...] a enxugar, tinha a impudência clássica do bordel tolerado e regulamentado na lei» (A. Botelho, *O Barão [...]*, p. 42). Outra impressão do mesmo autor: «Dum primeiro andar, com tabuinhas verdes, logo abaixo do Circo, meninas de batas brancas convidam: *Psii! Não sobes ó catitinha?*, aos janotas que passavam» (id., *ibid.*, p. 9). E Fialho de Almeida refere: «Vozes de esgoto, num primeiro andar com tabuinhas, pedem meios *beefs* a quem passa. Casas de prego. Casas de jogo. Casas de passe» (*Lisboa Galante*, 3.ª ed., 1920, p. 28).

⁶³ F. Schwalbach, *O Vício [...]*

zidas pelos seus «mais-que-tudo» de uma tourada de Cacilhas ou de Algés. Ainda em relação aos *bordéis*, e segundo Schwabach, nada do que nestes se encontrava pertencia à prostituta.

Zonas de giro

As zonas de giro aparecem, na opinião de vários autores, bem demarcadas. Segundo a perspicaz e paciente observação de Alfredo Gallis, a Baixa lisboeta dos inícios do século XX tinha uma fisionomia inalterável de noite para noite. Da Rua da Vitória para a Rua do Crucifixo havia a concorrência estrangeira (loiras francesas das docas de Bordéus e de Marselha): atacavam de preferência «os homens de certa idade e aparência séria» e alongavam muitas vezes o seu «giro» até ao Largo de Camões; aí aparecia a *sentinela*, «mulher esguia e alta [...] [que fizesse] vento, [...] chuva, [...] frio [ou] calor, [permanecia] firmemente no seu posto, no passeio defronte da Farmácia Estácio»⁶⁴. Na Praça de D. Pedro IV apareciam prostitutas da Travessa do Forno e do Largo do Regedor; com elas travavam conversa marinheiros, soldados, carroceiros, gatunos e rufias — «navalha na algibeira e vinte prisões de cadastro»⁶⁵. Finalmente, nas Ruas Augusta, da Prata e dos Correiros havia a «prostituição vagabunda», com quartel-general nos Correiros.

Analisando agora o quadro de Armando Gião, vemos que as prostitutas mais sedentarizadas eram as de mais baixa categoria:

Toda a noite as *malaqueñas* roucas estalam e assomam figuras desfeitas, de cabelos em borla sobre crânios de marfim, e batas espantosas por cujos decotes pendem os seios, num enjoo de velhos requieijões, apolegados por toda uma clientela de leiteiro⁶⁶.

As de 2.^a e 1.^a ordens optavam pelo chamado *faire le trottoir*.

Note-se agora que já em pleno século XX ocorre uma mudança assinalável. A era das tabuinhas vai dar lugar à era dos automóveis e dos bares. Com efeito, nomeadamente após a queda da República e com o aumento da repressão, a prostituição passa a ser cada vez menos exercida na área habitacional da prostituta. O mesmo se pode dizer quanto à *racolage* nas ruas, que a polícia de costumes procura reprimir. Como refere Tovar de Lemos, as antigas casas onde as raparigas viviam em comum tendem a desaparecer⁶⁷. A simples observação do quadro n.º 3 mostra a significativa baixa registada no número de casas de toleradas em Lisboa de meados do século XIX para meados do século XX. Mesmo assim, em 1950, Lisboa possuía mais de 36% do número de casas de toleradas de todo o País⁶⁸.

Os alcouces de meia porta, o avental de pau e a cortina branca, para já não falar dos retiros das hortas nos arrabaldes da cidade, dão lugar aos bares, aos salões de moda, com *manicures* mais ou menos «especializadas», aos salões de chá, com danças mais ou menos «sofisticadas», etc. Depois, e

⁶⁴ Alfredo Gallis, *A Baixa*, p. 94.

⁶⁵ Id., *ibid.*, p. 95.

⁶⁶ F. de Almeida, *Lisboa Galante...*, p. 32.

⁶⁷ A. Tovar de Lemos, *O Serviço de Inspeção de Toleradas em 1937*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1938, p. 5.

⁶⁸ Id., *Inquérito acerca da Prostituição e Doenças Venéreas em Portugal*, Lisboa, Editorial Império, 1953.

Número de casas de toleradas em algumas freguesias
de Lisboa, em 1841 e 1947

QUADRO N.º 3J

Freguesias	1841	1947
Ajuda	7	—
Belém	8	—
Alcântara.....	10	2
Santa Isabel.....	10	—
Lapa.....	3	—
Santos.....	30	1
São Sebastião.....	1	—
São Mamede.....	8	—
Mercês	21	3
Santa Catarina	8	—
Camões	—	3
Encarnação	72	37
São José	30	16
Sacramento	7	5
Mártires	11	9
Pena	6	3
Restauradores.....	—	11
Conceição	14	—
São Nicolau.....	18	—
São Julião.....	2	—
Madalena.....	—	2
Anjos.....	2	6
Socorro	51	25
São Lourenço e São Cristóvão.....	11	3
Sé e São João da Praça	1	2
Castelo.....	6	—

Fonte: quadro compilado a partir de dados de A. Tovar de Lemos, *O Serviço de Inspeção de Toleradas no Ano de 1947*, Lisboa, 1948.

como reconhece Mário de Almeida, o convívio das prostitutas era mais procurado na Lisboa adormecida da rainha D. Maria II «por motivos que o progresso e os caminhos-de-ferro removeram»⁶⁹. As «vénus mercenárias» começam, mais insistentemente, a frequentar as romarias, as festas, os bailes, as feiras:

*Nas tascas imundas à maneira
das de Alfama, bem tristes — coitadinhas!,
bebe-se vinho e comem-se sardinhas:
«Entraí meus senhores! Que bem que cheira!»*⁷⁰

Como refere Tovar de Lemos, «as barracas de bebidas e comidas, algumas vezes até com gabinetes ou camarins reservados [...] [e] as barracas de tiro são geralmente servidas por mulheres prostitutas, havendo até as chamadas barraqueiras ambulantes»⁷¹.

⁶⁹ M. de Almeida, *Lisboa no Romantismo...*, p. 25.

⁷⁰ *O Fado* de 19 de Agosto de 1923.

⁷¹ A. T. de Lemos, *O Serviço [...]*, p. 13.

Usos e padrões de comportamento

Quanto aos usos e costumes, sempre existiram diferenças entre as prostitutas de diferentes categorias. Em meados do século XIX, refere Santos Cruz, as prostitutas de 1.^a e 2.^a ordens vestiam «como senhoras honestas» e estavam a par das mais sofisticadas modas parisienses⁷². As de 3.^a reconheciam-se, na opinião do mesmo autor, pela «falta absoluta de tratamento apropriado», com todos os vícios de crápula e libertinagem associados aos efeitos do uso exagerado «do vinho [e] comida picantes»⁷³.

Com o correr dos tempos, esta diferenciação mantém-se, mas assume novos aspectos. A sociedade dos inícios do século XX é uma sociedade em transformação, tanto do ponto de vista político-ideológico como do ponto de vista económico. A estrutura social está em constante mobilidade, passando por sucessivos níveis de estratificação e de reajustamentos sociais, com aristocratas decadentes cedendo o lugar a «novos-ricos» endinheirados. Em 1908, *A Vanguarda* ironizava:

O luxo das mulheres e a grosseria profunda dos homens fizeram de Lisboa uma espécie de Sodoma e Gomorra, que há muito teria sido destruída pelo fogo celestial se o Deus dos católicos não fosse também um desbragado sultão⁷⁴.

A prostituição aumenta nestes anos. Bugalho Gomes afirmava, em 1913, não sem exagero: «[...] cada casa é um bordel, cada prédio um alcouce.»⁷⁵

Após a revolução de Outubro de 1910, a moda prossegue em seus dislates. Entra-se na era dos chapéus. São chapéus à «mujiqe», à «turbante», à «boca de sino», à «generada», à «roda de automóvel», à «dragão de cavalaria», às «três pancadas», etc. É evidente que esta excitação provoca mecanismos de «socialização por antecipação», como diria Merton, através da *moda*. «O primo Basílio, se viesse, não encontraria hoje em Lisboa uma Luzia com meias de tear», conformava-se um atento observador da época⁷⁶. E Malheiro Dias, nas suas *Cartas de Lisboa*, acrescentava:

Lisboa recebe essa exilada tribo de mulheres (das Beiras) ávidas e famintas para servir [...] Mas, passados meses — oh, milagre —, a beirora aparece-nos espartilhada, com blusa de seda, mantilha de renda e capa de peluche. [...] Guardou um saiote na mala [...] mas usa um colete do Grandela⁷⁷.

Esta fulgurância, verdadeira revolução nos costumes, não vai, evidentemente, tirar da miséria as prostitutas da mais baixa posição. O que se passa é que, na medida em que a mobilidade vertical se torna mais elástica, se tende para uma polarização crescente na estratificação social das prostitutas. Criam-se hiatos, os estratos castificam-se, os contactos entre prostitutas de diferentes categorias tornam-se improváveis. As de mais baixa posição tendem a distinguir-se cada vez mais pela abundância de osso:

⁷² F. I. S. Cruz, *A Prostituição [...]*, pp. 158-159.

⁷³ Id., *ibid.*, p. 169.

⁷⁴ *A Vanguarda* de 16 de Outubro de 1908.

⁷⁵ Augusto Bugalho Gomes, *História Completa da Prostituição*, Lisboa, 1913, p. 86.

⁷⁶ Pedro Osório, *Lisboa*, Porto, p. 44.

⁷⁷ Citado por Rodrigo Veloso, *Aspectos [...]*, pp. 132-133.

*Nas lojas reparai:
Rameiras, desgraçadas,
Em trajos seminus de chitas desbotadas,
Dormitam junto à porta.*

*Algumas há, porém,
Que numa rouca voz que já timbre não tem
Arremessam ao ar um cântico indecente
Com fumo de cigarro e bafos d'água-ardente*⁷⁸

Pode-se dizer que é sempre nas camadas mais baixas das prostitutas que se encontram os comportamentos mais típicos e que é também nestas camadas que a tradição tem mais força: o abuso de bebidas alcoólicas, o hábito de mentir, as rixas, etc. Encontram-se ainda outros aspectos dependentes do seu modo de vida. Utilizam, frequentemente, *nomes de guerra*, que adoptam e mudam para se distinguirem de outras meretrizes do mesmo nome ou para fugirem a investigações da família, poder judicial, etc. Vejamos uma interessante e atenta descrição fisionómica feita por Alfredo Gallis, em 1909:

[...] a Gorda Esperança, de cara abolachada e vermelha, baixa e de seios tremendos [...] verdadeiro tipo da provinciana rude; a Rita *bonita* muito cheia de cordões de ouro [...]; a *algarvia* de rosto suíno, mas [...] de umas pernas magníficas [...]; a Adelaide *veterana*, irónica [...] e dando lições de filosofia às mais novas; a Maria de Almeida e a Elvira *Zuca*, altas, petulantes, batidas por uma longa prática do fado triste [...]; a Laura de Setúbal [...] [com o] eterno casaco encarnado; a Zefa [...] zara-gateira [...]; a pálida e filosófica Aurélia [...]; a Sara *grande*, cega do olho direito [...]; a *Alice*, muito magra [e] desdentada [...]; a Amélia de Coimbra [...] [já reformada e pedindo] esmola aos antigos fregueses que a conheceram cheia de vida [...]; a celebrizada Lúcia, a heroína da localidade, que de quando em vez alarmava o bairro quando o amante, um sargento da Armada, roído de ciúmes, lhe arrombava a porta [...]; a Augusta *alta* [...] desdentada como a Alice [...]; a Albertina, já de idade madura, mas ainda formosa [...]; e, sempre de lenço e xaile [...], a Antónia, pedindo um vintém ou um cigarro⁷⁹.

A corroborar a ideia da reprodução de costumes nas camadas mais baixas das prostitutas e da relativa impermeabilidade que tais camadas denotam em relação ao meio social circundante está o facto de elas desenvolverem uma *gíria* específica que se retransmite e se renova ao longo das sucessivas gerações de prostitutas. É certo que muitos termos de *gíria* se transformam em *calão*. Isto prova apenas que os fluxos de contágio linguísticos se orientam mais no sentido dos submundos da prostituição vagabunda para o meio circundante do que no sentido inverso. Há pois formas culturais próprias que se desenvolvem tendo por suporte a linguagem, aparecendo nesta como componente destacável a espontaneidade:

- Ó Chica, que tal hoje?
- Eu sei cá, mulher. Uma desgraça, são estas horas e ainda não me *estreei*.

⁷⁸ Delfim Guimarães, *Lisboa Negra*, Lisboa, 1893.

⁷⁹ A. Gallis, *A Baixa*, pp. 99-100.

— Nem eu, e sempre quero ver como hei-de logo largar as três *roscas* para a patroa. Também não me admira; logo ao abrir o estabelecimento vi um *macaco* parado defronte da porta. Estou *inguiçada* para todo o dia.

— Enguiçada está a gente desde que vem para esta vida. Isto foi chão que já deu uva.

— Olha que às vezes não há maus dias! Ainda antes de ontem eu tirei limpinhas quatro coroas.

— Pois sim, vê lá tu hoje! Nem uma de *lepes*. E se fosse só a patroa que me ralasse...

— Sim, sim; onde te morde sei eu; tens o *gajo* à perna e *queijada* nem ver. Olha, sabes o que te aconselhava?

— O quê?

— Dá-lhe de *trombas* e *governa-te* só, faz como eu. Depois que o meu *tipo* me começou a *malhar* por eu não lhe dar *massa* para o *bródio*, *larguei-o* que foi uma consolação; nada que o meu corpinho nem da mãe nunca levou pancada; quanto mais agora do *pingente*. *Chiça!*

— Pois sim, mas olha que isto da gente não ter ninguém com quem desabafe à noite! Ao menos com eles sempre uma pessoa pode falar na vida, e olha que nem todos são maus. O meu...

— O teu o quê? É tão bom como os outros. Eu bem oiço de noite o *arraial* que te vai na *lombeira* lá no quarto.

— É a brincar.

— Também eu dizia isso quando os tinha, mas a quem *ardiam* era a mim⁸⁰.

A superstição, os sentimentos e cultos religiosos são outras manifestações que se desenvolvem, sobremaneira, entre as prostitutas de mais baixa condição. Contudo, estas características atenuam-se paulatinamente com o evoluir dos tempos. Em 1841 afirmava Santos Cruz:

Muitas delas vão sempre à missa quando o tempo o permite; algumas há que vão à confissão; elas prostram os joelhos em terra quando passa alguma procissão ou o Sacramento para algum enfermo⁸¹.

Conservam e desenvolvem, pois, alguns sentimentos religiosos. Não raro usam escapulários ao pescoço e algumas possuem ornamentados oratórios. Muitas enviam *mesadas* às famílias e outras, mães, são extremosas para os filhos⁸². A conservação destes sentimentos religiosos aparece associada a práticas supersticiosas, com todo o rol de *mezinheiras* com promessas, manigâncias, feitiços e rezas.

Abel Botelho dá-nos conta de uma *mezinhice* comum em que a religião e a superstição se associavam. Depois de queimarem cocas, esturaque, incenso e alecrim, as prostitutas davam as mãos entre si e, rodopiando, cantavam em coro:

*Assim como as cocas
Cocaram os peixes do mar,*

⁸⁰ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, pp. 38-39.

⁸¹ S. Cruz, *Da Prostituição [...]*, 1944, p. 97.

⁸² Armando Gião, *Contribuição para o Estudo da Prostituição em Lisboa*, Lisboa, 1891, pp. 19-20.

*Assim as cocas coquem os homens,
Pra eles de mim gostar,
Pra com eles bom dinheiro ganhar,
Pra com ele comer, beber
E pagar a quem dever...
Em louvor do S. S. Sacramento do altar*⁸³

Depois, uma a uma, pegavam num enorme chifre de carneiro e, dando com ele furiosamente contra as paredes e as portas, clamavam numa crédula alucinação:

*Corno! Cabrão!
Dá-me dinheiro, fortuna e pão*⁸⁴

Na própria comunicação verbal há um conjunto de alegorias vincadamente inspiradas no culto religioso. Quando alguma prostituta, a qualquer esquina, se demorava mais com algum freguês, a outra replicava: «— O filha, larga... isso aí não é *caixa das almas!*»⁸⁵

Por outro lado, havia entre a baixa prostituição relações de forte solidariedade. Socorriam-se mutuamente com vestidos, quando deles absolutamente careciam e, especialmente, quando se encontravam em estado de miséria⁸⁶. Este espírito benemérito ou filantropo dirigia-se também aos mendigos que andavam pelas ruas invocando em voz alta a caridade dos fiéis, aos quais lançavam das janelas as suas esmolas⁸⁷. Aquelas que não se mostrassem imbuídas deste espírito eram escorraçadas e apelidadas de *fo-cas*⁸⁸.

Preços

Os preços constituem outra variável de estratificação a considerar. As variedades distinguem-se pelo preço e, como dizia F. Schwalbach, havia «obra para todo o preço»⁸⁹: desde o antigo «amor de seis vinténs» das vielas de Alfama e Mouraria até ao de coroa dos 1.ºs andares da Travessa da Palha. Como se observa através do quadro n.º 2, os preços variavam, em finais do século XIX, entre os 40 a 2250 réis. Naturalmente que, no século XX, os preços se inflacionaram, mas a amplitude ter-se-á, proporcionalmente, mantido. O que importa aqui realçar é a flagrante exploração de que as prostitutas passam a ser vítimas, nomeadamente quando os circuitos de comercialização se sofisticam. Através do quadro citado refira-se que, só para fazer face ao pagamento da renda da casa — um quarto «com um estafado canapé antiquíssimo, sem estilo, e uma cama a que mais vulgarmente chamam *rebeca*»⁹⁰ —, as prostitutas de mais baixa categoria tinham de se vender mais de sete vezes ao dia! Acresce que, neste contexto, a estratificação se torna mais rígida, surgindo variadíssimas camadas em cada estrato. Nas hospedarias dos iní-

⁸³ Abel Botelho, *Patologia Social II, O Livro [...]*, p. 373.

⁸⁴ Id., *ibid.*, p. 374.

⁸⁵ Id., *ibid.*, p. 228.

⁸⁶ Id., *ibid.*, p. 184.

⁸⁷ Id., *ibid.*, mesma página.

⁸⁸ Id., *ibid.*, mesma página.

⁸⁹ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, p. 37.

⁹⁰ Manuel Pedro de Abreu, ... *Da Tragédia [...]*, p. 29.

cios do presente século surge sempre a pergunta sacramental: «De quanto?» Conforme a resposta do cliente, assim a porta de um dado quarto se abria⁹¹.

Clientela

Na verdade, uma estratificação rígida das prostitutas segundo a clientela só se verifica a partir dos inícios do século XX. Como vimos na parte inicial desta comunicação, a segunda metade do século XIX proporcionava uma convivência aberta entre prostitutas, fadistolas, vadiões e aristocratas. Lamentava-se Paulo Osório dos efeitos desta convivência nos padrões da moda masculina:

O homem de Lisboa nem sequer veste bem: cobre-se por um modelo misto, pedaço arrancado à estética de Alfama, pedaço surripiado às modas de Paris⁹².

E Júlio César Machado corroborava:

Hoje há por aí muitos fidalgos que se expõem a ser tratados por tu pelo leiteiro⁹³.

A partir de finais do século XIX há casas que, para adquirirem prestígio, passam a seleccionar rigorosamente a clientela, apenas admitindo titulares, conselheiros, mandões, ricos e grandes nomes batidos na tagarelice encomiástica das gazetas. Das antigas casas *chiques* destacava-se a da Antónia Morena, na Rua Larga de São Roque, tendo também entrada pela Rua das Gáveas; curiosamente, as «fêmeas» eram as mesmas, mas o amor pela Rua de São Roque tinha um preço e pela Rua das Gáveas tinha outro⁹⁴. A par do direito de *reserva de admissão*⁹⁵, a sofisticação desenvolve-se ao nível do mais elementar pormenor. A conselho da dona da casa, as prostitutas anunciavam-se sempre como separadas dos maridos. Outra deixa invariável para todos era que «elas não moravam ali». Para fingir que as iam buscar longe, faziam-se rodar trens por cocheiros-estafetas a soldo por este serviço:

O Escangalhado [...] estava sempre ali perto, na estação, à coca, e cuja esmadrugada caleça era certa vir feralhando ruidosamente do Rossio, pela Rua Augusta, parar à porta de casa e seguir depois a dar a volta pela Rua do Ouro, de cada novo freguês que chegava⁹⁶.

É certo que, no século passado, o acesso das camadas populares a certas prostitutas estava vedado. Como refere Santos Cruz, também em 1840 certas prostitutas tinham clientela própria. Segundo o mesmo autor, aquartelamentos de 400 a 500 praças contavam com 50 ou 60 mulheres⁹⁷. Contudo,

⁹¹ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, pp. 16-21.

⁹² Pedro Osório, *Lisboa*, Porto, p. 47.

⁹³ J. C. Machado, *Lisboa [...]*, p. 53.

⁹⁴ Era a *governante* (geralmente uma meretriz idosa) que admitia ou rejeitava os indivíduos que pediam entrada (cf. A. Gião, *Contribuição [...]*, pp. 27-28).

⁹⁵ F. Schwalbach, *O Vício [...]*, pp. 51-52.

⁹⁶ A. Botelho, *Patologia Social II, O Livro [...]*, p. 195.

⁹⁷ F. I. Santos Cruz, *Da Prostituição [...]*, pp. 172-173.

esta clientela não se estratificava, no século XIX, segundo *status* sociais. Aqui, a distribuição da clientela dependia unicamente da variável rendimento. As prostitutas «pouco [se importavam] com a categoria da pessoa»⁹⁸.

NOTA CONCLUSIVA

São conhecidos os aspectos excêntricos daquilo que vulgarmente se designa como *marginal*. Toda a excentricidade tem, pois, por natureza aspectos conservantistas. Estes aspectos transmitem-se através da tradição. A tradição opera essencialmente em termos de tempo, e não de espaço. Veicula-se de uma geração a outra, através do tempo, tomado um mesmo espaço social como invariável. As transformações culturais e sociais ocorridas na Lisboa boémia dos inícios do século XX ultrapassam os limites das meras transmissões temporais de cultura. E porquê? Porque entre espaços sociais contíguos, mas distintos, os fluxos de difusões interculturais se acentuaram. E não só se acentuaram, como se inverteram. Enquanto, em meados do século XIX, os aristocratas marialvas, por exemplo, absorviam a tradição boémia e nela se integravam, a partir de finais do século XIX é a tradição boémia que absorve o circundante, nele se esbatendo.

Esta inversão de fluxos interculturais parece-nos relevante na compreensão da transformação social não só do espaço boémio considerado, como também da sociedade que o comporta. A permeabilidade do *marginal* relativamente ao *exterior* não tem de ser vista, necessariamente, como a incapacidade de esse meio retransmitir a sua própria tradição; no caso vertente, o que se passa é que as transformações que a sociedade portuguesa dos inícios do século XX experimenta contagiam os meios sociais mais isolados e fechados. É neste sentido que nos parece pertinente a consideração de espaços considerados marginais do ponto de vista social (e que marginais se encontram relativamente ao interesse que têm despertado às ciências sociais) na compreensão do fenómeno da mudança social.